

Alteridade, corpo e morte no cyberspace: cicatrices de um hipercrime na epifania do virtu- al

RESUMO

Do ponto de vista da epistemologia e da metodologia consolidada nas áreas e nas de Ciências Sociais e Filosofia, a configuração sociotécnica da comunicação como máquina-de-guerra simbólica contra a materialidade da existência consta, por exemplo, inteiramente órfã de estudo mais acurado e epistemologicamente articulado em nome da diferença e da crítica. O presente ensaio demonstra e implementa tal premissa ao enfocar um recorte expressivo dessa temática palpitante e, no entanto, olvidada, situado na extremidade hodierna da linha de desenvolvimento histórico da comunicação a distância: as relações entre tecnologias informáticas, *cyberspace* e sociabilidade em tempo real.

ABSTRACT

This paper deals with some aspects of, and relationships between the cyberspace, sociability and the new computer dependent technologies.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Sociabilidade (*Sociability*)
- Ciberespaço (*Cyberspace*)
- Tecnologias (*Technologies*)

PARA SÉRGIO DAYRELL PORTO:

Dans un monde où a surgi
une relative abondance matérielle,
la vraie rareté, c'est l'altérité.

Marc Guillaume (1992, p. 5)

Chegado ao mais íntimo de seu outono, [o ser humano] oscila entre a Aparência e o Nada, entre a forma enganosa do ser e sua ausência: vibração entre duas irrealidades...

Emile Cioran (1995, p. 100)

Já não querer ser tudo é colocar tudo em questão. Seja quem for que, sorrateiramente, querendo evitar sofrer, confunde-se com o tudo do universo, julga de cada coisa como se ele a fosse, do mesmo modo que ele imagina, na realidade, nunca morrer. Essas ilusões nebulosas, nós as recebemos com a vida como um narcótico necessário para suportá-la.

Mas o que acontece conosco quando, desintoxicados, descobrimos o que somos?

Georges Bataille (1992, p. 6)

I NOTA INTRODUTÓRIA

A significação social-histórica das redes eletrônicas de comunicação e de informação prevalece longe de ter sido convincentemente apreendida pela reflexão teórica, mormente na área de Comunicação e Ciência da Informação. Apesar de diuturnamente descrita,

interpretada e/ou dissecada, do ponto de vista da epistemologia e da metodologia consolidada nessas áreas e nas de Ciências Sociais e Filosofia, a configuração sociotécnica da comunicação como máquina-de-guerra simbólica contra a materialidade da existência consta, por exemplo, inteiramente órfã de estudo mais acurado e epistemologicamente articulado em nome da diferença e da crítica.

O presente ensaio demonstra e implementa tal premissa ao focar um recorte expressivo dessa temática palpitante e, no entanto, olvidada, situado na extremidade hodierna da linha de desenvolvimento histórico da comunicação a distância: as relações entre tecnologias informáticas, *cyberspace* e sociabilidade em tempo real.² A articulação desses três fatores permite vislumbrar, em novas bases, a condição atual da alteridade e da cultura mediática avançada, em cujo âmbito aquela alteridade encontra hoje o seu lugar, o seu estatuto, a sua função e o seu destino. À luz desse eixo temático, a reflexão objetiva realizar uma releitura heterodoxa da *significação social-histórica da ciberespacialização da civilização contemporânea*. Mais precisamente, a argumentação presta-se a uma arqueologia, a uma cartografia e a uma crítica radical das estruturas e da dinâmica sociocultural da fase virtual da vida humana.

Apesar de ancorados no processo tardio de informatização e virtualização, as premissas e os resultados teóricos dessa releitura abrangem, *mutatis mutandis* – não sem eventual senão metodológico, pressuposto em qualquer generalização teórica –, algo da significação social-histórica da comunicação audiovisual de massa (aqui contemplado, exclusivamente, o contexto televisivo em tempo real). Sob tal injunção, o *cyberspace*,³ tomado como emblema mais acabado de toda a cultura tecnológica contemporânea, comparece, mais propriamente, no presente estudo, como prisma para a apreensão da lógica operacional dessa cultura. Nessa esteira, a temática da alteridade e do corpo encerra, no fundo,

uma excelente oportunidade para a otimização da percepção conceitual acerca do que, em registro mais aberto, se passa com a materialidade do mundo (sua fatalidade atômica, sua articulação geográfica, suas paisagens citadinas etc.), bem como com os contextos presenciais não tecnologicamente mediados, o campo próprio da existência, e assim por diante.

Por essa aresta, inteiramente diagonal à tendência majoritária dos estudos em Comunicação no Brasil e no exterior e, a um só tempo, exógena ao paradigma – em geral, apologético, já decadente – que tem norteado o tratamento da temática, a proposta epistemológica aqui selada estipula atingir, por apreensão dedutiva (do objeto), as *conseqüências transpolíticas da telecomunicação* e, em particular, do *cyberspace*. A argumentação se alinha, nessa direção, à perspectiva que prioriza a indagação sobre os fundamentos da dinâmica sociotécnica e cultural. Interessa, pois, *no momento*, assessorar o foco sobre o conjunto de princípios operacionais que presidem os processos e fenômenos correspondentes a tal dinâmica, premissas que fazem com que estes sejam o que são, processos e fenômenos tais e quais, e isto para além de sua dimensão utilitária e supostamente vantajosa ou benéfica, bem como (para) aquém da ordem da fenomenologia posta, do ente dado, do existente estruturado.⁴

Inspirado no pensamento francês e canadense contemporâneo, o cumprimento dessa agenda articula, de forma livre, em sua tessitura explícita ou implícita, as noções de *espectralização da comunicação*, de Guillaume (1982, 1989), de *cultura do simulacro e da simulação* e de *crime perfeito*, de Baudrillard (1976, 1981, 1996), de *guerra pura*, de Virilio (1984b, 1996a), de *máquina-de-guerra*, de Deleuze (1980) e Virilio (idem) e de *cultura excremental*, de Kroker e Cook (1988). Como tal, trata-se de agenda preponderantemente mobilizada em resposta à exigência social, dada no campo intelectual, de contradito teórico aos efeitos naturalizantes da mitificação generalizada em relação aos

vetores constitutivos da cibercultura,⁵ como forma de resistência à alta taxa de fetichização e reencantamento públicos diuturnos diante da espuma signíca e da parafernália derivada da técnica sofisticada. Com essa necessária modulação do olhar, a qual tem por escopo adicional e indireto questionar as perspectivas usuais sobre o assunto, a título de demonstração (sugerida) de sua insuficiência – perspectivas não raro conservadoras em seu abraço às tendências tecnológicas correntes –, supõe-se operar, no âmbito da temática, a politização do existente (tal como adiante caracterizada), capaz de evitar, a um só tempo, a melancolia teórica (seja de tendência pré-tecnológica, seja de caráter tecnóforo) e o ciberufanismo (discursivo e/ou praxiológico) em escala internacional, que atualmente retira a sua sobrevida e a sua reprodução temporal por gravitação em torno do *cyberspace*.

2 Expurgo mediático da alteridade concreta e do corpo

Cyberspace – no que aqui importa mais aos canais de relações sociais *on-line* – é, no lastro factual das redes comunicacionais de massa, o universo tecnológico mais sofisticado de processamento de um *sistemático assassinato simbólico* da alteridade, em sua condição existencial concreta – alteridade, isto é, a qualidade de *ser outro*, abrangendo todos os entes, inclusive o si-próprio (na categoria de *outrém* para o mesmo, embora imanentemente unos, ente para si, outro do auto-outro). *Cyberspace* – muito longe, portanto, da caracterização descritivo-positivista que apraz a seus promotores e que o assimila a mera “rede mundial de computadores”, popularmente equivalente à Internet ou ao seu filão hipermediático, a Web, por evocação anômala (reconheça-se) à idéia de *cyberspace* de Gibson (1985)⁶ – é o coroamento atual espetacular de um *processo histórico de deslegitimação, depreciação e expurgo tecnológicos da alteridade concreta e do corpo*, estirão cujo início remonta, na verda-

de, à comercialização da tecnologia do tempo real mais rudimentar, o telefone, e cujos meandros de desenvolvimento abarcam, obviamente, os *media* de massa. No caso televisivo, tal despojamento tecnológico se expressa em dupla via fúnebre: mortes ficcionais/ficcionalizadas referentes à produção dramatúrgica audiovisual se acumulam, no limite, a mortes realizadas pela transformação das alteridades concretas em simulacros (Baudrillard, 1976, p.78-128, 1981, p. 9-68), em virtude da natureza técnica e imagética do *medium*. No arco do mencionado processo histórico, o *cyberspace* foi tão-somente a macrorrede que logrou fazer que tal processo de desterro se acelerasse, atingisse fase mais individualizada e adquirisse ares ultrafrenéticos e consentidos, nunca antes visto. Põe-se, assim, em panorama, o atual estado de coisas: o expurgo do corpo em cada relação virtual não é senão o sintoma sinedóquico de uma *aniquilação simbólica em massa* como fenômeno social-histórico.⁷

O segundo tipo de morte acima pontuado merece ênfase: a alteridade é tecnologicamente substituída por seu espectro expressivo. De concreta, sensorial, tangível, ela se converte em *alteridade espectral*, técnica, desmaterializada, satelitizada, abstrata, no mesmo compasso em que à sociabilidade *tête-à-tête, in loco*, se sobrepõe, *pari passu*, a sociabilidade *on-line*.⁸ É a idéia do pós-humano no sentido perverso:⁹ o ente, isto é, o estrato concreto do ser (estrato inseparável de sua densidade espiritual) – para evocar uma distinção (entre ente e ser) cara a Heidegger (1978, 2002b) – desaparece na profusão do artifício técnico. Os elementos teóricos aí compreendidos, quando conjugados e reescalados segundo prisma teórico mais abrangente, concernente ao quadro de fundo em que se inserem, tocam, como assinalado na nota introdutória, o fundamento da própria civilização mediática avançada. A existência eletrônica espectral em tempo real, especialmente o seu braço mais sofisticado e doravante hegemônico, a teleexistência no universo virtual, processa-se à sombra de um cenário funéreo – sombra cuja

representação conceitual mais apropriada radica no recurso à metáfora, por timbrada que seja –: a teleexistência não se positiva sem, ao mesmo tempo, estruturar, irrecorivelmente, de outro lado, o *cemitério da materialidade do mundo, assim como, de resto, de todos os elementos que lhe constituem a forma herdada*.¹⁰ Assim é a cibercultura em sua integralidade: produção ampliada da *morte espectral*.¹¹ Por uma idiosincrasia fenomenológica, para que um universo mediático de referência e de atuação humana se erija e pulse, é necessário haver, em contrapartida, *poliformação de despojos*. Não há espectralização virtual desacompanhada de efeito colateral, uma *defunção simbólico-inodora generalizada*.¹²

Tal premissa condicional da teleexistência e o processo estrutural ao qual ela pertence enquadram-se numa *tendência de tergiversação comunicacional plena, a saber, a denegação da materialidade da própria existência* (Trivinho, 1999, Parte II, Cap. VI). O que é físico amolece em luminóforos, *pixels* animados pela luz da velocidade da luz; o que é sólido se destila em fluidos sonoro-imagéticos; o que é concreto, com contornos vívidos, pulveriza-se em fluxos mediáticos. O mundo das formas e relevos, das grandezas e volumes é, por assim dizer, *tecnologicamente formolizado*, vale dizer, filtrado em seu peso, em sua gravidade, sob o olho único e onipresente do mercado, e só assim se torna objeto de exposição pública. Como tal, ele pode ser – e assim tem sido – contemplado, pilhado, devassado em seus interstícios, sob a égide de uma rígida assepsia prévia. Convertido em signos e neles inserido, o mundo objetual é, assim, (como que) coagido a experimentar – em seu *habitat*, o próprio mundo –, perene degredo, exílio *in loco*, como se tecnologicamente fosse “convidado” a permanecer do lado de fora, na ante-sala (satelitizada) do fenômeno mediático (Virilio, 1984a, 114-118), situação na qual, a rigor, ele não passa a figurar senão como álibi para o desenvolvimento e complexização em espiral do universo sígnico-cultural dominante. Joga-se aí, toda explícita, a comu-

nicação como sistema de poder: ela é, em sua base (fisicamente falando), alijamento e segregação, em que pese o fato de articular o planeta inteiro.

2.1 Espectros, signos mortíferos

A noção de espectro,¹³ que comparece no bojo da discussão anterior, designa todos os construtos estéticos dimanados do processo estrutural de reprodutibilidade eletrônica do real, processo que, sob o álbi comercial da expansão da flora simbólica e imagética da cultura, fundou as bases do diagrama comunicacional tal como se apresenta, em essência, desde a primeira metade do século XX. Espectros são, em certa medida, as unidades sígnicas irredutíveis desse cenário. Assumem a forma de fluxo sonoro e/ou textual, imagem, codinome etc. – amíúde, signos mesclados. Numa conversa ao telefone, numa entrevista concedida ao vivo no rádio ou na TV, na gravação de uma fita ou CD, na filmagem de um acontecimento, na sociabilidade no *chat* e assim por diante, a primeira figura técnica dessas práticas culturais – e também o aspecto comum entre elas (para o que interessa ao presente ensaio) – é justamente o espectro. As tecnologias de reprodutibilidade compreendidas nesses exemplos são, necessariamente, aparatos de produção de espectros. Em especial, aquelas capazes de redes (Trivinho, 1998, p. 17-28) desempenham o modo predominante de irradiação social aí presuposta.

Numa visão de conjunto, os espectros presidem e justificam a tendência irreversível de espectralização da vida humana na civilização mediática. Interagindo e comutando-se, alicerçam um *macrocampo cultural fantasmático* saturado, não raro tautológico, de baixíssima taxa simbólica, *vis-à-vis*, reduzido ao estrato do significante, e que, não obstante, uma vez povoado por entidades humano-abstratas, influi, de alguma forma, em algum grau de intensidade, sobre o imaginário individual e social, não sem a

costumeira produção de reverberações na sensibilidade.

No que diz respeito exclusivamente à alteridade concreta, o espectro não é mero prolongamento de sua existência, nem extensão tecnológica de seu poder, instrumento com o qual e pelo qual ela declara seu potencial de acesso e interferência a distância. Essa concepção neo-humanista, calcada na ilusão iluminista do primado do sujeito sobre o objeto, confere poder por demais onipotente – não constatável na prática – ao ente humano no mundo espectralizado. Na era do excesso de produção de espectros, estes não constituem mais duplos de nada. Em regra geral, não se trata de construtos que meramente “convivem” com a alteridade, assim subordinados às rédeas desta. Eles são elementos de outra ordem, inteiramente indexados pela tendência corrente de autonomia do objeto (Baudrillard, 1983, p. 90-109, 127-211, 1987a, p. 67-82). Identitários à lógica do signo puro, que anula o referente para adquirir vida própria, os espectros neutralizam a alteridade e dela prescindem ao substituir a sua corporalidade e ao fazer-se, ademais, passar por real.¹⁴ Espectros são encenações daquilo a que se prendem e do qual *se pretendem* sempre meros representantes; eles *se imaginam* o referente, quando este, juntamente com seu contexto próprio de existência, foi tecnologicamente confinado ao *reduito do desaparecimento mediático*. Figuras mortíferas, os espectros pertencem – conforme antes pontuado – à ordem estético-comunicacional da obliteração das coisas (Virilio, 1980), no sentido de um esgotamento do valor cultural destas e conseqüente deslocamento de seu efeito de sedução para o que herda a refração de sua luz¹⁵ – movimento que, lembre-se, em retomada, institui os espectros não como espelhos do corpo, da alteridade, do real, mas como os seus eixos de *presentificação*, em bases inteiramente diferenciadas (texto, som e/ou imagem digital, *exclusivamente*). Não se trata, pois, de mera representação ou apresentação, mas, antes, de *presentação* (Virilio, 1989, p. 77-98, 1993, p. 11-32), isto

é, forma de aparição-presença e atualização audiovisuais em tempo real. *Espectros constituem, nessa perspectiva, o modo de posição da matéria e da forma na civilização mediática* – estatuto que, embora bem aplicável ao universo televisivo, não pode ser generalizado para contextos eletrônicos fora da cláusula *live* (*media* de massa) e *on-line* [bi ou multidirecional (*media* interativos)]. É uma *nova ordem fenomenológica e histórica da aparência* que, em particular, as tecnologias do virtual e o *cyberspace* ajudam a arrematar na cultura, ordem que reconfigura os parâmetros de definição do próximo e do longínquo, bem como a relação entre eles, fazendo (embora nem sempre) do próximo, longínquo e do longínquo, próximo (Virilio, 1984a, p. 9-22, 114-118)¹⁶ (e podendo, nesse baralhamento, interferir, até mesmo – o que não raro acontece – nos pressupostos sociais da estrutura da intimidade herdada da modernidade); e (ainda: ordem que), com isso, altera a lógica social da percepção e da sensibilidade cotidianas (Virilio, 1989, p. 77-98, 1993, p. 107-128).

2.2 Centro | periferia, periferia/centro, centro-periferia

A esse título, a saturada assunção, pelos espectros, do centro do cenário tecnocultural a partir da Segunda Guerra Mundial e o conseqüente destronamento mediático da materialidade do mundo deixam claro que, no campo de frequência entre o longínquo e o próximo, as tecnologias do tempo real alteraram, profundamente, as propriedades do que, no transcurso da modernidade, passou a ser concebido como centro e como periferia, reconfigurando, também, sobremaneira, as relações entre eles.

De tal forma predomina, no imaginário cotidiano, o *cyberspace* como nova espécie de metafísica (cheia de *glamour* e, no entanto, desprovida de discurso legitimatório especial e formal) que essa rede não comparece como mero ingrediente, entre outros, da materialidade da existência, embora esta

perfaça o seu contexto histórico de nascimento e lhe vigore como condição *sine qua non* de base e de complexização contínua. Para todos os efeitos de época, é a materialidade do mundo que vigora como ingrediente da ciberespacialização em curso e, assim, como *periferia da ordem comunicacional* (cf. Virilio, 1999, p. 17), objeto de ostracismo histórico inédito e heterodoxo, realizado por tudo o que de impessoal há no processo tecnológico de espectralização generalizada. *Vis-à-vis*, é a *visibilidade mediática* por inteiro – isto é, a dimensão cultural hoje pantópica (a um só tempo, pública e privada), derivada da concatenação ressonante de todos os *media* (de massa e interativos) e de sua profusão sígnica, e que, parasitária do jogo extático e imprevisível do mercado, faz-se fenomenologicamente acessível aos sentidos (sobretudo o visual e/ou o auditivo) – que encarna e encerra o *eixo socialmente fractalizado* da civilização contemporânea, com potencial de *centripetação integral de signos* (do existente) por conveniência de alguma grandeza (em especial, a mercantil) e, simultaneamente, de *centrifugação acentuadamente expletiva* do que de cultural padece de importância imediata.

Nessa esteira, *mutatis mutandis*, firma-se mundialmente, com o *cyberspace*, uma cultura do corpo periférico à pluricentralidade espectral. Por um lado, à alteridade concreta e à corporalidade lega-se nada mais, nada menos que o perímetro de tudo o que é denso, pesado e lento – em suma, do que se tornou aparentemente “anacrônico” no contexto das redes planetárias [por mais que isso (que segue como objeto de vilipêndio) tenha imperado social e culturalmente até a chegada do século XX]. Por outro lado, aos espectros, ultraleves e velozes, é legada a rede, domínio hipersofisticado do tempo da velocidade da luz, em versão digital. Sem primazia, sempre nos contornos, a alteridade e o corpo constam convertidos em apensos-volume, extensões salientes, protuberâncias úteis da “fronteira” e da superfície mediáticas – fato que vige para além de todo tipo de *apropriação social ativa* (mesmo a mais politizada) dos *media* e de sua cadeia

reiterativa de signos, não raro tomada (a apropriação) como supostamente neutralizadora das características mencionadas.¹⁷

Sem prejuízo da evidência desse movimento maniqueísta de inclusão/segregação mediática, note-se, com efeito, uma sutileza marcante. Se o *cyberspace* é o *epicentro descentrado* do processo civilizatório contemporâneo e, em particular, da sociabilidade, então o *bunker* de acesso à rede, o *bunker glocal* (Trivinho, 2001c, 2004) – vale dizer, o ambiente demarcado e fincado no contexto concreto da existência, mas satelitizado por aparatos tecnológicos de acesso/recepção (à cultura global) e supostamente protegido das agruras da vida na *pólis* –, compõe-se, indistintamente, como *periferia-centro* e (se melhor, ao inverso) como *centro-periferia*, a migração interna de energia e inércia, sentido e *nonsense* nesse binômio representando, na prática, a própria lógica cultural da comunicação infoeletrônica. Trata-se, portanto, de fenômeno mais complexo do que se imagina, sobremaneira híbrido em sua natureza e cuja estranheza se alimenta do vácuo corrente de uma construção epistemológica (que lhe seja) adequada.

2.3 *Cyberspace como máquina-de-guerra imaterial*

Retome-se, doravante, a matéria de dois tópicos atrás, a fim de levar às últimas conseqüências as relações entre *media* interativos, espectralização da cultura e violência simbólica.

No assassinato simbólico da alteridade concreta pelo *cyberspace* subjaz a mesma lógica da sabotagem, do atentado, que, não sem motivo, traz à baila o liame pouco considerado entre redes comunicacionais e guerra.¹⁸

As vozes mais desavisadas e/ou ufnas – não raro jornalisticamente badaladas – sobre a significação social-histórica do *cyberspace* insistem em promover apenas os aspectos ultrafuncionais da rede. Todavia, para o que (ou ao menos no que) importa

ao presente estudo, não se trata de algo tão exclusivamente inofensivo quanto à primeira vista parece.

O *cyberspace* está permeado por fantasmas do campo bélico: sua origem no apogeu da Guerra Fria, sua utilização ainda em função de necessidades de segurança nacional, a subordinação dessimbólica fatal da carne e do espírito ao aparato tecnológico (numa “simbiose” que lembra a do guerreiro com o seu instrumento de batalha),¹⁹ os *bunkers* fragmentários de acesso, a sonoridade da tecla “enter” nas relações virtuais (a intensa frequência com que se a requer lembra o espocar surdo e seco de rajadas a esmo), e assim por diante (cf. TRIVINHO, 1999, Parte I, Capítulo III, tópico V, item 1). O *cyberspace* é, no fundo, uma *máquina-de-guerra imaterial, impessoal, simbólica* (há décadas civilizada, isto é, tornada civil e, assim, “domesticada”)²⁰ contra o corpo próprio, o campo próprio e a alteridade. Evidencia-se socialmente, sob a égide dessa inforrede, uma *dinâmica tecnológica de poder cínico* que, desprovida inteiramente de comando central, “descarna” e pulveriza as alteridades sob o pretexto mercadológico de agir justamente em seu nome, de criar uma zona de atuação e entretenimento para elas e de facilitar as suas relações sociais, como nunca antes visto, em escala internacional.²¹ Se, no que tange à forma de irradiação da cultura mediática, o fantasma da guerra constava antes apenas na esfera massificada,²² doravante, com a interatividade, ela é uma realidade de ente para ente. O frenesi da experiência *on-line*, em especial a *marcante epifania virtual dos chats*,²³ demonstra, a todo instante, de maneira sintomática, com os timbres de praxe, que a *alteridade virtual* é tudo, única e exclusivamente, porque a alteridade concreta não conta mais nada, o seu sopeso histórico, a sua importância social, o seu valor cultural tendo deslizado, objetiva e subjetivamente, para novos rincões (BAUDRILLARD, 1990, p. 133).²⁴ Nômade em seu sedentarismo comunicacional de base, “deficiente motor” (VIRILIO, 1993, p. 100), saturado pelo bombardeio de espectros que

o estimula a ser também espectro, participando da lógica da visibilidade mediática, o ente humano é, de partida, sob a égide do *cyberspace*, um *alterdeficiente*, deficiente de alteridade concreta.²⁵ Entrevê-se, por aí, o grave paradoxo da hiperaceleração gregária da cibercultura: *com o virtual, todas as gentes – sob a branda impunidade dos hábitos inconscientes banalizados – se tornam mais indiferentes à eliminação do outro.*

2.4 Violência transpolítica da técnica

O mérito mais fecundo dessas assertivas talvez seja o de tornar patente, com considerável grifo, a violência social da técnica, a sua natureza e, sobretudo, o seu *modo de acontecimento e exercitação*. Desde o advento do século XX, em especial a partir de sua segunda metade, a *violência da técnica* passou a configurar-se *preponderante como comunicação; o seu braço mais desenvolvido chama-se, doravante, cyberspace*.²⁶ Trata-se de uma violência mais que sofisticada, porque *light* em sua forma ultra-avanzada de realização, agora capitaneada pelo virtual (cuja saga social-histórica transcorre, como visto, na esteira do álibi de um anseio corporativo supostamente inócuo de mediação da sociabilidade, em nome da sempre inquestionada espiral hipertélica de avanços tecnológicos *ad infinitum*); e (ainda, trata-se) de uma *violência mais que legítima, metalegítima*, dir-se-ia melhor, porque transpolítica: ela não se efetiva através da política institucionalizada ou do aparelho de Estado, não passa por nenhuma forma de representação política ou simbólica, nem precisa acompanhar-se de discurso legitimatório estruturado; antes, realiza-se por si própria, de maneira osmótica, prática e direta, com base na “*autoridade*” *auto-referencial do modo de se pôr das tecnologias informáticas e de sua sociossemiose utilitária* (Trivinho, 2001a, 2001b, p. 175-185, 2003), sob lastro em suas promessas de ultrafacilitação da vida social, em seja qual for a esfera considerada.²⁷ [Por isso, basta a essa violência o discurso da estética da mercado-

ria (cf. Haug, 1997), vale dizer, *tout court*, a linguagem publicitária (gráfica/áudio/visual) irradiada pelos *media* de massa, pleonástica e auto-anuladora (de seu próprio sentido), em vínculo umbilical com o valor de troca desprovido de medida, à vontade com as flutuações do mercado.]

O *cyberspace*, do ponto de vista da organização social (descentralizada e anômica) por ele mesmo desencadeada, é capciosamente contraditório, nisso pressupondo-se outros aspectos da violência simbólica por ele encarnada: o que ele isola no âmbito físico da vida prática “recupera” e reagrega no e pelo virtual, o primeiro ato não se realizando senão em nome do segundo; ele aparta unindo ou une apartando, em prol de sua própria lógica, bem como da reprodução social-histórica da estrutura tecnológica de poder e interesses que o sustém. Os efeitos operacionais contínuos de confinamento corporal, alcançados no atacado, são dirimidos, no varejo, via rearticulação *ad infinitum* das mentes pela mesma matriz tecnológica envolvida. Mais definidamente, no mesmo movimento em que o *cyberspace*, na base de todos os ramos industriais, comerciais e governamentais envolvidos em sua promoção, expurga o corpo e o substitui por seu espectro (presentificador em tempo real), ele o arremessa – sob o referendo do desejo usuário, vontade do virtual (cf. Kroker; Weinstein, 1994, p. 41-62) – à tecnologia no reduto do *bunker* de acesso, amalgamando-o (o corpo) a toda a compulsoriedade das práticas aí necessárias, numa promiscuidade avançada (e aparentemente sem ambivalência) com todos os fluxos mediáticos experienciados:²⁸ ultradistanciamento intercorpos na comutação sinérgica absoluta dos espectros, sob a égide da obliteração e do hipostasiamento completos da carne no virtual.

Não seria de todo dispensável um novo realce a esses apontamentos, tal a sutileza bélica da lógica *transpolítica da nova violência da técnica*: do ponto de vista da ressocialização *high tech*, glosam-se os corpos na periferia da sociabilidade mediática tão-

somente para que as alteridades concretas vivam e se experimentem a partir, primeiro, do contato real *a priori* e *sine qua non* com a máquina e com a rede, no *bunker ciberespacial*; do ponto de vista do imaginário da cibercultura, o assassinato simbólico mediante outorga cultural (à alteridade) de um espectro compensador efetiva-se tão-somente para otimizar, no âmbito da cotidianidade civil, a (con) fusão entre ente humano e *universo infotecnológico*, financiado, em sua origem, direta ou indiretamente – enfatize-se –, por interesses de segurança nacional e transnacional; e, por fim, do ponto de vista da economia política da comunicação, recria-se e simula-se a alteridade no universo do signo para que seja continuamente realizado um *valor de troca absoluto, transpolítico e de proporções globais* (porque satelitizado), aquele entre *cyberspace* e história, forma oclusa de “lavar” (como se lavam os narcodólares) a crosta do que historicamente promana da esfera militar e de, ato contínuo, transformá-lo em *entulho civil útil*, lastro da circulação mundial ampliada de trilhões de dólares, concentrados em países tecnologicamente privilegiados.²⁹ Não por outro motivo – como num verbo para o qual todo olvido é fardo e todo silêncio é estranho –, tais aspectos envolvem remissão ao campo bélico.³⁰

2.5 *Tecnofascismo puro: O novo gulag do corpo*

Um aprofundamento suplementar dessa perspectiva teórica não tardaria a esculpir, no plano imaginário, como metáfora científica, o desenho fidedigno de uma experiência antropológica coletiva, em tudo sinistra: está-se diante de um *tecnofascismo puro*, uma modalidade paradoxalmente sedutora de fascismo, integralizado e, ao mesmo tempo, pulverizado no tecido mais insondável das relações sociais (lá onde são epidêmicas), “limpo” (para todos os efeitos técnicos), auto-obliterante em sua fenomenologia processual e, talvez por isso, mais misterioso

e atrativo, além de indolor, porque inteiramente exógeno ao campo do visível/sensível, como se se tratasse de mais uma dessas realidades paralelas imperceptíveis (em última instância, “jamais existentes”), construídas de sobejo pela tecnociência – que, ainda assim, se dão a “apanhar” por efeitos também eles pouco patentes, apreensíveis exclusivamente como que por dedução –, a dissuadir o fato de que se trata, ao contrário, de experiência *hic et nunc*, instalada no coração mais palpitante da existência: justamente onde o corpo habita.

*O tecnofascismo puro da cibercultura desmaterializou o extermínio ao sutilar a sabotagem contra o corpo e contra a alteridade.*³¹ *A brutal aniquilação bélica massificada, com seu rumor aterrorizante e traumático, é, mutatis mutandis, no que tange ao cyberspace, da mesma linhagem mortuária que a liquidação soft – insuportável em seu silêncio cínico absoluto e universalizado – via espectralização generalizada. Superada (e jamais esquecida) a realidade macabra dos campos de concentração, acenta-se, décadas depois, para uma espécie de “guetização fractal” de uma forma renovada de morte simbólica, light, processada diuturnamente no tracejado microrreticulado, descentralizado e inverificável do universo infotecnológico vigente.*

Distinto caçula da aceleração industrial e pós-industrial irrefreada, o tecnofascismo puro, agora mesmo em processo na quase totalidade dos países [enquanto o leitor rastreia estas páginas (e bem provável que) a contragosto], é o *vórtice epifenomênico-axiomático responsável pela projeção geoimagética e pela produção fenomenológica transpolítica de um gulag corporal a “céu aberto”*,³² *espalhado de maneira aleatória e enraizado*, composto pela miríade de relíquias objetais comunicacionalmente “suplantadas” pela época, tecnicamente coagidas ao cenário dramaturgicamente exclusivo do átomo ou, na melhor das hipóteses – conforme se tem aqui dado testemunho –, ao perímetro microespacial e imaginário de cada *contexto glocal de acesso* (cf. Trivinho, 2001c, 2004), único cenário-orbe então tornado absoluta-

mente válido, ultraflexível em termos de recursos facultados ao humano.³³ A dimensão desse *gulag neo-nazi-heteróclito*, que o advento do satélite artificial catapultou à escala planetária, é, *grosso modo*, por pressuposto, diretamente proporcional à taxa de saturação geográfica da espectralização mediática (televisiva e ciberespacial): quanto mais alta aquela, mais volatilizado este.³⁴

Em tal conjunto de fatores, reside, por assim dizer, a inesperada retaliação do fascismo. Décadas após a sua derrota militar em 1945, ele se opera, paradoxalmente, através da disseminação transpolítica contínua de seu próprio imaginário de ameaça e castração – não *na interioridade* do *cyberspace*, mas *por ele*, inteiro, isto é, por seu modo de posição, na *empíria* nuançada de seu processo, como espaço imaterial de fluxo e relações.

O tecnofascismo puro, como sombra que acompanha, com desejo de imortalidade, os passos mais recentes da civilização, não haveria de se reduzir, obviamente, ao domínio da mensagem, do conteúdo, do significado. Ele consta imanentemente incrustado na dimensão da *forma estrutural de consumação social do princípio da comunicação*; e, a partir daí, *pulsando sem pulsar, irradiando-se sem se dar, vive, para todos os efeitos, sem viver*. Redes: se a comunicação eletrônica descorporificou-se, disjungindo, para sempre, corpo e efeito social de sua produção simbólica, o fascismo, em rota convergente de desterritorialização, imediatizou-se, a fim de melhor atingir, via hostilidade “branca”, com o seu desejo de *gulag*, todas as gentes, adeptas do espectro mediático e da “vitrinização generalizada” do valor de troca, não por acaso os mesmos implicados na necessária debacle de 1945.³⁵

3 Hipercrime do virtual: espectro como epitáfio cultural da alteridade

No arco das relações entre *media* interativos, espectralização da cultura e violência

simbólica, merece mais ênfase o fato (antes considerado *en passant*) de que, justamente em virtude do caráter transpoliticamente destilado, socialmente decantado e culturalmente sancionado do processo comunicacional do *cyberspace*, nada se passa, com efeito, como atentado contra o corpo e contra a alteridade concreta e, menos ainda, como degredo dos mesmos. A grandeza dos fatos, embora à vista de todos – numa transparência resoluta da civilização mediática avançada –, comparece sem qualquer vestígio de extermínio. Para todos os efeitos doxológicos, a relação entre *cyberspace* e substrato bélico da tecnologia mediática de ponta “não existe”; associar rede e máquina-de-guerra imaterial é, nesse sentido, mais que especulação teórica, “absurdo metodológico”. *A presença obliterada da violência estrutural-ciberspacial e, ao mesmo tempo, a sua configuração como tabu, em especial na esfera da pesquisa acadêmica, constituem uma das formas mais intrigantes de dissuasão transpolítica própria da cibercultura.*

Baudrillard (1996, p. 145), com efeito, já havia detectado o fato, em palavras genéricas: “Se a informação é o lugar do crime perfeito contra a realidade, a comunicação é o lugar do crime perfeito contra a alteridade”. A assertiva carece, com efeito, de modulação, em filigrana. No caso do *cyberspace* e da realidade virtual, o que na verdade se desenrola é um *crime mais-que-perfeito, um hipercrime, virtualizado*. No crime perfeito, o que desaparece são as pistas do assassino, mas o cadáver é porventura visível, está ali, morto. No crime mais-que-perfeito, tudo consta absolutamente apagado: o assassino e seus rastros, o cadáver, o crime.³⁶ Para todos os efeitos (no âmbito das percepções comuns), o crime ocorre sem que nem mesmo haja pistas de que houve algo.³⁷ Processo recortado e acabado [nem mais, nem menos que o seu similar de massa (no âmbito audiovisual em tempo real), apenas peremptoriamente mais definido], *o hipercrime, imperceptível em sua translucidez absoluta, é o indício assaz precário de si mesmo e, a um só tempo, da obliteração do cenário inteiro.*

Nesse atalho de vacuidade sígnica, a cibercultura habitua a todos, *vis-à-vis*, à saturada convivência com uma espécie de *morte dissoluta, abolida*, também simbolicamente efetiva, mas que não se põe como tal em nenhum momento – dir-se-ia, de maneira consonante: *hipermorte*.

O espectro, por seu turno, comparece, nesse perímetro, como o sintoma ou a *cicatriz fantasmática sub-reptícia* disso que pretensamente transcorre como inexistência. Ele é a *memória velada da violência*, cristalizada como construto tecnoestético. Como tal, vigora como *epitáfio cultural espetacular* que, embora essencialmente mudo (nesse aspecto), governado como que por voto de silêncio, não desmente o que designa e o que ocorreu com o seu referente. Ele é uma inscrição tumular admirável que arremata, finalmente, um crime de expulsão tão banalizado que não merece nem mesmo um lance de atenção insolente. (Não obstante, o espectro é o único e minguado interstício pelo qual se pode apreender o hipercrime e refazer teoricamente todo o processo estrutural de sabotagem social da técnica, antes dissecado. Onde, poder-se-ia mesmo alegar, não sem consequência aporética, que o hipercrime não é tão perfeito assim...)

3.1 *Paradoxo do morto redivivo: dissuasão do espectro*

O fato de a hipermorte não se entregar como morte deve-se muito ao ardiloso paradoxo – na verdade, algo próximo à aporia – que preside o *assassinato simbólico-tecnocomunicacional*. Como cooptação perversa do niilismo ativo, esse assassinato, expressão bélica do tecnofascismo puro, simula, ao mesmo tempo, construção, em nome da preservação do universo infotecnológico vigente. No caso, as tecnologias do virtual sacrificariam positivamente a altercorporalidade mediante a produção imperante de um suposto novo corpo substitutivo, em dupla via, a saber, o *corpo espectral-persona* (cujo perfil mais avançado é o de tipo

tridimensional) e o *macrocorpo virtualizado*, volátil, satelitizado, quase etéreo, equivalente à própria rede, em seu *modo de posição*, de que participariam todos os espectros teleinteragentes.³⁸ Na verdade, o argumento que defende essa neometafísica socialmente gerada pelas tecnologias do virtual acena, no fundo, com panos quentes, para o crime mais-que-perfeito do tecnofascismo puro.

Nessa medida, a alteridade morta irrompe no mundo dos espectros e da interatividade, encontrando aí, como objeto simbolicamente sobrepujado, uma possibilidade de sobrevivida infinda, segundo o ritual regular da simulação do referente e do real (cf. Baudrillard, 1976, p. 78-128, 1981, p. 9-68).

Nesse contexto de discussão, a figura da morte – especifique-se a melhor – comparece como trabalho objetivado e autonomizado, isto é, trabalho morto (para evocar, com sinuosidades, Marx) representado por um construto cultural que, fenomenologicamente, vige como dado de terceira natureza (para além dos contextos de sociabilidade desprovidos de mediação comunicacional), permanentemente dinamizado, vivificado pelos automatismos das tecnologias do tempo real.³⁹

Isso expõe bem o caráter diversionista do processo da espectralização comunicacional. O que morre é transformado em elemento dissuasivo: não se apresentando como morto, desprovido do odor próprio das formas em decomposição, reaparece na cena com os róseos matizes da existência. A dissuasão operada pelo espectro faz deste último um *morto redivivo*, com o especial detalhe de restar sufocado o seu primeiro aspecto, essencial e fundante, o mortuário, em proveito de uma fachada segunda, adjetiva e derivada, ligada a todos os traços de vida.⁴⁰

Encerra-se, nesse excursão, (o que, à falta de melhor expressão, se poderia designar) o milagre mítico (da era) da reproduzibilidade técnica avançada. Se esse milagre cobre o paradoxo antes mencionado, o faz também, com efeito – como complicador

–, em relação ao *engenhoso cinismo do sistema mediático como um todo*: o que é vendido como vivo, frenético, pulsante, são, na verdade, estilhaços de algo que, para todos os efeitos, nada sofreu (sequer um destronamento valorativo) e, por isso, pode seguir supostamente com a mesma força cultural.

3.2 *Artifício da alteridade no virtual*

Com efeito, os fatos podem ser relidos por outro ângulo, a partir do que é lançado ao reduto do desaparecimento. Um pouco antiteticamente, mas não menos verdadeiro, tal seria então – vale registrar – o engenhoso artifício da alteridade [o seu “gênio maligno”, para expressá-lo num conhecido esquema argumentativo de Baudrillard (1983, p. 79-124, 1987b)]: o de engendrar estratégias de visibilidade em meio à sua asfixia geral, o de sobreviver mesmo no contexto estrutural de seu expurgo. Há fundamento para isso: nenhum sistema de poder mata ou aplaca, na verdade, o que é rebelde por princípio. A carne, a natureza, a energia, os fluxos simbólicos e imaginários, recalçados, expurgados, pulsam onde quer que estejam, pretendendo reconhecimento imediato. Morta, a alteridade concreta faz valer seu desgastado princípio de realidade no seio da tecnologia. É – pode-se dizê-lo, apesar do tom forçoso – o conhecido “eterno retorno do mesmo”, em bases óbvia e radicalmente diferentes das do reino do espectro. Nessa perspectiva, toda sociabilidade em tempo real no *cyberspace* far-se-ia na base dessa *vingança da alteridade* contra um assassinato em massa.

4 Fascínio pelo nada tecno-estético: velório mediático cínico-dissuasivo

O fascínio pela alteridade espectral é, com efeito, menos o fascínio pelo morto – um fascínio macabro, pois – do que pela sobrevivida da coisa morta – um *fascínio mais-eróti-*

co *in memoriam*. Entrevê-se, por essa aresta, o quanto a cultura do espectro simulacional estrutura-se como *velório mediático cínico-dissuasivo*: porque foi esse mesmo universo de tecnossignos que, como máquina-de-guerra, exilou a alteridade concreta, ele, perfazendo o caminho inverso, como forma de compensação ao ato bélico, abraça-a (a alteridade) pelo protocolo geral da espectralização; e, na esteira desta, permite que se esparja socialmente o correspondente *frenesi ritual de celebração* da sobrevida tecnicamente derivada, para velar justamente a alteridade morta. O *epitáfio espectral* é, em sua miríade *partout*, o cenário, o pano de fundo e a moldura de um *processo de luto cultural* que subjaz ao entretenimento que cimenta o mundo. A homenagem fúnebre dá-se, pragmática e espontaneamente, pela epifania ruidosa das próprias relações virtuais.

O fascínio pressuposto em tais honras descamba, no fundo, da estranha sedução que exerce o *nada tecnoestético*,⁴¹ que, apesar de seu significante, opera, age, fala, troca, produz sensações, gozo. O fascínio pela alteridade espectral é aquele pelo mistério da técnica como vida artificial, que, não obstante, pulsa, bem próximo e em silêncio, os rigores de um olvido do tamanho do mundo.

A civilização mediática avançada atenta contra a alteridade e contra o espaço geográfico tão-somente para obrigar os viventes a nutrir-se da sinergia com os espetros, da afetividade e da potência de vinculação por eles produzidos, de suas alegrias e tristezas, de seus dramas enfim, e isso é tanto mais válido quando também se nutrem de sua sexualidade artificial, eternamente sublimada.

Vê-se, nessa perspectiva, com maior definição, o quanto o morto, convertido e multiplicado em fetiche fantasmático, é capaz de, mais do que conter ou criar, *ser*, a partir de cada fragmento, um imaginário pantópico e dinâmico, aquele no qual e através do qual a morte – conforme visto – reverte integralmente a sua própria evidência.

Nesse contexto, o estranho fascínio pelo nada tecnoestético redivivo pressupõe, todavia, no âmbito das singularidades, menos um desejo de visibilidade – desejo, por exemplo, de *ver-se apresentado* (em tempo real) (Virilio, 1989, p. 77-98, 1993, p. 11-32) por tal ou qual espectro –, vale enfatizar, menos um desejo de permanecer, corporal-mente, na periferia comunicacional e, subjetivamente, no epicentro descentrado do universo mediático, do que, acima de tudo, um desejo propriamente de morrer, para viver sob outra forma, ou, ao menos, um desejo de desaparecer (sinônimo, de todo modo, de uma agonia específica, a partir do exorcismo do social e da sociabilidade presencial), para vigorar com outra aparência.⁴²

A bem dizer, aquele (de visibilidade) desejo representa a realização subsumida deste último, corolário da fantasia inconsciente (de origem mítica e religiosa) de transcendência total e impossível da materialidade da existência (do corpo próprio, em primeiro lugar) – delírio de liberdade que a simples vigência da teleexistência virtual culturalmente incentiva – em favor de uma sociabilidade desprovida de resistências e, sobretudo, de traumas com alteridades não-incomodativas, não-constrangedoras, fluidas, portanto (GUILLAUME, 1989, p. 17-54), num contexto ideal só tecnologicamente equiparável ao do universo metafísico do “macrocorpo-rede” virtualizado.

4.1 *Cultura excremental*

Tais sinalizações desvelam, no limite de seu horizonte teórico, um aspecto fenomenológico ainda mais importante, quando se leva em consideração o fato de que, tanto mais hoje, na era do excesso, cada espectro se assemelha a um *excremento técnico* (trabalho morto, novamente) ou, em termos mais precisos – embora ainda metafóricos –, a um *detrito tecnoestético*, liberado sob os auspícios do aparato mediático.⁴³ Nessa direção, o fascínio pela alteridade espectral não deixa de exhibir algum *glamour* patético e infausto:

põe-se como *fascínio por resíduos*, espólio sígnico do referente.⁴⁴ A epifania do virtual, tal como definida no presente ensaio, é, portanto, a sinergia de e por tais fatores. Ao que indicam as tendências correntes, inscreve-se aí a posteridade perene e irrecorrível da civilização mediática avançada: a cultura excremental (cf. Kroker; Cook, 1988, p. 7-27) é, para o bem e para o mal – desde meados do século XX –, o único horizonte humano. O destino da cibercultura é o de desenvolver-se (por seja quais forem as vias de fuga) em meio a detritos em profusão, dotados de alto índice de liquidez no imaginário social e de valor de troca no mercado da circularidade absoluta de dados, informações e imagens •

Notas

- 1 Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), coordenou, de 1995 a 2002, o Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociedade Tecnológica” (atual “Tecnologias Informacionais da Comunicação e Sociedade”) da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. É autor, entre outras obras, de *O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual* (Rio de Janeiro: Quartet, 2001b), *Redes: obliterações no fim de século* (São Paulo: Annablume; FAPESP, 1998) e *Contra a câmera escondida: estruturas da violência soft* (São Paulo: Editor-autor, 1998). E-mail: eugeniotrivinho@uol.com.br.
- 2 Quadro geral de referência da palestra do autor ministrada em 10/06/2000, no painel “Novas tecnologias de comunicação e relações sociais virtuais”, na 52ª Reunião Anual da SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada na Universidade de Brasília (UnB), no período de 9 a 14/06/2000. Ao ensejo da publicação do texto no presente número da revista *Famecos*, a proposta epistemológica da argumentação, embora preservada a sua direção teórica, foi amplamente reescalada.
- 3 O termo é, a propósito, mantido em seu significante inglês exclusivamente por razões de política da teoria.
- 4 O argumento é selado sem, no entanto, compreender qualquer busca por uma essência ou essencialidade das coisas, seja ela qual for - projeto hermenêutico, de feição ontológica, apaixonante por certo, mas inteiramente estranho à trajetória intelectual de quem costuma pesquisar a lógica dos signos e o *modus operandi* da cultura pós-moderna e da cibercultura.
- 5 O conceito de cibercultura abrange, no âmbito do presente ensaio, o modo predominante e idiossincrático de arranjo tecnológico (*cyber, on-line*) do *environment* contemporâneo, mormente na circunscrição do modelo de *urbis* desenvolvido em escala internacional sob o influxo direto do ideal do progresso técnico ocidental, desencadeado no século XVIII. Para um aprofundamento dessa concepção, que não restringe o referido conceito aos processos internos do *cyberspace*, veja-se Trivinho (2001b, p. 209-227, 2002, 2003).
- 6 Gibson, que cunhou o termo em sua conhecida novela de ficção científica, afirmou, em meados da década passada, que tudo o que se diz sobre a temática é completamente estranho a ela. Cf. “Realidade virtual substitui utopia perdida”, *O Estado de São Paulo*, 30 jan. 1994, p. D-16. (A reportagem foi originalmente publicada no jornal *Der Spiegel*. Trad. de Rodolpho E. Krestan.) Para Gibson, *cyberspace* é um universo imaginário artificial, desprovido de limi-

tações espaço-temporais, que resulta da fusão protética, no cérebro, entre estrutura de neurônios e rede de dados virtuais.

- 7 Ao corpo dividido, retalhado (*corps morcelé*), segundo o cânone da principal vertente psicanalítica pós-freudiana (Lacan, 1977), soma-se agora um corpo censurado e barrado, segundo as regras da cibercultura, com uma nuance pitoresca: ele vigora fraturado em seu campo de proscricção, na periferia da visibilidade mediática, enquanto o seu espectro usufrui de privilégio inaudito, de coesão artificial em bloco, estranhamente sedutora em todos os recortes sígnicos.

Essa situação - registre-se, *en passant* - põe-se para além da lógica marxista do fetiche, da alienação e da dialética. Na fase "hegeliana" da teoria marxiana (que recobra os *Manuscritos econômico-filosóficos*), bem como em sua fase final (*d'O Capital*), as coisas-fetiche, ganhando movimento social ao circularem em razão e em prol do valor de troca, humanizavam-se, enquanto o ente humano, preso à esfera produtiva, transformava-se em coisa. Nessa lógica teórica, o ente é encarado como totalidade prejudicada pelo *modus operandi* da formação social capitalista. Aí se interpunha a dialética histórica: urgia, então, superar o capitalismo para resgatar a totalidade humana historicamente recalçada; o processo alienatório seria vencido mediante a conversão da situação em seu contrário, a saber: a conciliação verdadeira e final com o mundo das coisas coletivamente produzidas, num contexto em que restariam sob inteiro controle humano. Na atualidade - na vigência da cibercultura e, com ela, dos resquícios da psicanálise -, o ente humano consta, *a priori*, dilacerado (jogado num mundo *a priori* também fragmentado) e seus espectros, cotados a existir eternamente separados dele. Toda teleologia dialética, com a respectiva ilusão de onipotência emancipatória, implode, portanto, diante do fenômeno mediático, tanto mais pela razão (básica) de que o horizonte infindo deste prende-se umbilicalmente ao imaginário e ao desejo das próprias multidões consumidoras, vale dizer, ao mercado, cujas injunções (sempre incertas e imprevisíveis, só parcamente controláveis) derivam justamente do vácuo contínuo de ações organizadas por parte daquelas.

- 8 Essa metamorfose técnica não revela senão o caráter ritual religioso do assassinato simbólico implicado. As *tecnologias mediáticas aniquilam e redimem no e pelo espectro*. Trata-se de um *homicídio mediaticamente redentor*: o sistema que opera por desterro se penitencia por meio do resgate audiovisual. O que é válido no plano macrossocial se estende

para recortes minoritários: a forma mais eficiente, indolor e asséptica de matar o outro é reduzi-lo a espectro; e é justamente por essa via que, não sem inclinação cínica (involuntária), recupera-se - na simulação (cf. Baudrillard, 1976, p. 110-117, 1981, p. 9-68). O assunto é retomado no item seguinte e no tópico III.

- 9 Como, aliás, tem ela figurado, equivocadamente, na literatura ensaística especializada: imposição obsessiva (desacompanhada de autoconsciência histórica consistente) de desprestígio a tudo o que até recentemente marcou, de modo compulsório, o mundo humano - geografia, solo, densidade, textura, carne e assim por diante.

- 10 Convém especificar que a experiência espectral da teleexistência se desenrola no e pelo *glocal*, reduto de acesso/transmissão/circulação/recepção que não se põe nem como global (entendido como cláusula exclusiva dos conteúdos das redes de comunicação e informação), nem como local (ambiência cultural própria do contexto de emissão/recepção), mas, antes, como hibridação (ora tensa, ora homeostática) dos dois, num fenômeno de terceira via, com lógica própria, que vai além de ambos e, portanto, a eles não se reduz. O *glocal* - vale acrescentar, *tout court*, o global no local, o local no global - é uma invenção social-histórica da tecnociência do século XX, cuja destinação ulterior, arquiexplorada pelo capital industrial, passou a confundir-se com a mercantilização da cultura como entretenimento e, em particular, dos fluxos de informação e imagem como moedas típicas de uma civilização destinada à eterna comutação de espectros.

O pensamento teórico em Ciências Humanas e Sociais, mormente na área de Comunicação, ainda não extraiu as devidas conseqüências da indagação que a emergência do *glocal* demanda desde a primeira metade do século XX: que é, do ponto de vista social-histórico, a *civilização glocal*? Em oportunidades pregressas (Trivinho, 2001c, 2004), cumpriram-se os primeiros passos nessa direção.

- 11 Baudrillard (1996, p. 145) sugere: "Com o Virtual, entramos não só na era da liquidação do Real e do Referencial, mas na do extermínio do Outro". Lendo-se-o de trás para frente, toca-se a logicidade argumentativa do presente ensaio. "A verdade - complementa ele (ibid., p. 151), reiterando-se, em essência - é que a alteridade vai faltando, e que é preciso absolutamente produzir o Outro como diferença, em lugar de viver a alteridade como destino."

- 12 A representação conceitual acerca de determinada realidade contém, de modo sintético e, em melhor vertente, por antítese e tensão, o substrato daquilo a que se reporta, por mais vago que este seja. Qualquer eventual traço tétrico da *epistème* se alimenta, em natureza e força, das próprias tendências correntes, como testemunho assíduo e prova de veracidade. Numa palavra, é o mundo, a saber, o mundo reducionista da comunicação, que, no âmbito abordado, se apresenta sombrio. A mimese, no plano da racionalidade conceitual, tanto quanto no da produção estética, é apenas estratégia de demonstração para fazer entrever um pouco mais aquilo a que, embora não lhe sendo identitária, a reflexão teórica se liga por dever de ofício e missão de esclarecimento público, em nome da categoria da crítica.
- 13 Repercute-se, nesse seguimento, o entendimento que, de modo pioneiro, Guillaume (1982, 1989) assentou sobre a matéria. À medida da progressão dos argumentos, especialmente no que concerne à relação entre espectro e violência, a remissão à *epistème* de Guillaume vê-se flexionada - enfatize-se - por leitura inteiramente livre, embora, no fundamental, permaneça-lhe tributária.
- 14 A tese sobre tal regra mortuária do signo, que é, em última instância, a da própria cultura (se encarada como sistema de signos, portadores de valor), remonta, a rigor - registre-se, *en passant* -, à lingüística de Saussure (1973). Reescalada na teoria psicanalítica de Lacan (1966), migra, somente na década de 70 do século passado, para a filosofia pós-estruturalista [especialmente, de Baudrillard (1976)] e para o pós-modernismo teórico, nos quais é levada às últimas conseqüências, não raro em proximidade com a visão niilista e anarquista de mundo.
- 15 Vê-se, nessa perspectiva, o quanto os espectros cumprem apenas em aparência a função de mediação cultural. Inserem-se, antes, em acontecimento maior, com cuja significação pactuam em segredo funcional: *justamente por serem mediação, matam o que mediam*.
- 16 Heidegger (2002a, p. 143), em particular, já o havia percebido, há cinco décadas, no contexto da fenomenologia: "Proximidade não é pouca distância. O que, na perspectiva da metragem, está perto de nós, no menor afastamento, como na imagem do filme ou no som do rádio, pode estar longe de nós, numa grande distância. E o que, do ponto de vista da metragem, se acha longe, numa distância incomensurável, pode-nos estar bem próximo. Pequeno distanciamento ainda não é proximidade, como um grande afastamento ainda não é distância".
- 17 Nenhum processo ou acontecimento social, por relevante que seja - como é o caso da relação com os *media* e da apropriação de sua produção signica -, encerra em si poder para apagar ou adulterar o fundamento que talha para sempre a sua procedência. (Pulsasse a plenos direitos o contrário, caso fosse verdadeiro.) A desconsideração dessa regra de ouro fenomenológica nomeia-se olvido: se arbitrário, caracteriza tábua rasa; se operado por desaviso, é de inocência teórica que se trata.
- 18 O único autor que, desde meados dos anos 80 do século passado, prioriza, sistematicamente, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, essa temática é, sabe-se, Virilio (em especial, vejam-se 1984b, 1989, 1995, 1996b, 1997, 1998, 1999). Sobre a matéria, consulte-se, igualmente, Trivinho (1999, Parte II, Cap. III, 2001b, p. 67-70, 215-216, 2001c, 2003, 2004).
- 19 Sem considerar ainda o fato - aludido na nota 3 - de que tal acoplamento, no âmbito dos computadores, encerra e reproduz, mundialmente, o modelo cultural norte-americano contemporâneo (proveniente desde, ao menos, a década de 40 passada) de relação com o social-histórico, com a alteridade, com a vida cotidiana, com o campo próprio e (até) com o si-mesmo. Implica-se aí, em suma, um *ethos*, já convertido, sub-reptícia e irreversivelmente, em *habitus* transnacional - toda uma nova língua que, por suas idiosincrasias, demanda, paradoxalmente, o corpo inteiro, numa indexação técnica inédita na história da vida cotidiana, mormente no perímetro urbano mais abastado.
- 20 Essa relação conceitual é - recorde-se - inspirada em Virilio (1984b, 1996a) e Deleuze (1997, p. 11-110). Veja-se também Kroker e Weinstein (1994).
- 21 Configura a doxa isto: se tecnologia é (também) guerra e, por suposto, morte, a supressão não poderia recair senão sobre o pólo mais falível, constituído justamente por eles, a alteridade e o corpo, doravante ideologicamente inferiorizados pelo discurso da inteligência artificial, das ciências cognitivas e da biogenética.
- 22 Lembre-se, dentre tantos detalhes a respeito, que a difusão social de informações e imagens a partir de uma central de comando é da mesma ordem da propagação dos efeitos de uma bomba lançada sobre o território (Trivinho, 2001b, p. 68; Virilio, 1996b, p. 30).

- 23 A noção de epifania tem, no presente ensaio, significação diversa da que normalmente lhe atribui o campo religioso ou metafísico. Alude, *exclusivamente*, à emergência (repentina ou paulatina) de algo social e culturalmente relevante, aliada à ostensiva cobertura publicitária e à intensa festividade, pulverizada e despreocupada, própria de uma celebração contínua e despropositada, em acepção essencialmente profana.
- No que, em palavras contextuais, a descrição se aplica ao *cyberspace* ou ao virtual, trata-se de reconhecer o que, no fundo, ele, em sua emergência, representa e, melhor, o que, de seu fundamento, de sua natureza como fenômeno cultural é significativamente sintomático, de *per se* revelador, para a vida humana; trata-se - no caso da presente reflexão - de radiografar o que, junto com ele, vem à tona, a saber: o seu crime específico.
- 24 Esse acontecimento sociotécnico independe de fluxos antropológicos do real ordinário para o real virtual, e vice-versa. Da mesma forma que a taxa de nascimentos cotidianos não exclui a realidade da morte, a *cultura da produção ampliada da morte espectral* não é suspensa quando se chega a conhecer pessoalmente a alteridade, a partir do estímulo de seu espectro na rede, depois de um período de contato interativo. [Pode-se até mesmo contrair casamento com a alteridade, fato comum há tempos, a contar pelo noticiário pitoresco concernente à Web. Nada muda, porém, a regra do jogo. Conforme antes sinalizado, não são os espectros que funcionam como prolongamento da altercorporalidade; o corpo (o próprio e o do outro) é que se tornou um prolongamento dos espectros. Na era do excesso mediático, a tônica cultural - enfatize-se - recai sobre estes.) No caso, o encontro com o outro expurgado equivale, do ponto de vista da visibilidade mediática, à vivência de um momento de renascimento interalteridades corporalmente dadas - o que não demonstra senão, no limite, o estado de morte mútua em que se encontravam anteriormente.
- 25 Soa natural, portanto, a evocação, se bem que ao avesso, da noção de indivíduo alterdirigido, de Riesman (1971), estipulada para abarcar o sujeito cujo caráter e comportamento se referencializam nos do outro, ao invés de guiar-se, como outrora, pelos valores da tradição (indivíduo traditivo-dirigido) ou pelos da interioridade própria (indivíduo intradirigido). Embora tenha desenvolvido a sua pesquisa na década de 40 do século passado - período, portanto, bastante sintomático de tendências cibertecnológicas já socialmente relevantes (foi nessa época que Norbert Winner começou a divulgar suas idéias utópicas) -, Riesman não testemunhou o advento do (que se poderia designar de) "sujeito tecnodirigido" (e, na derivação mais específica deste, "ciberdirigido" - "*data-directed*", "*online-directed*"), de comportamento teleinteragente, virtualmente qualificado, referencializado, pois, no procedimento de entes à base de inteligência artificial, os quais podem, *mutatis mutandis*, ser - e o são, nos Estados Unidos - considerados como nova modalidade de outro, outro eu, conforme demonstrou Turkle (1989) numa pesquisa detalhada, embora de caráter descritivo. [De maneira evocativamente similar, a contar pelas tendências correntes, os contemporâneos e, sobretudo, os pósteros poderão (vir a) testemunhar o aparecimento de *cyborgs* genuínos, massiva e integralmente dependentes de nanotecnologias, próteses técnicas miniaturizadas (externas e internas). Engavete-se, pois, desde já, o eventual assombro se, em futuro não tão remoto, também brotar, da caixa de Pandora da tecnociência, um modelo de sujeito referencializado no caráter e no comportamento de clones humanos...]
- 26 Nada espanta que a mediação por excelência da sociabilidade contemporânea equivalha a violência. Por um lado, esta sempre mediou, em maior ou menor grau de intensidade, o processo histórico, as relações sociais, o desenvolvimento material das cidades e a elaboração simbólica do mundo. Por outro lado, todos os indícios históricos até agora dão prova de que a técnica nunca deixou de presidir, imanentemente, essa trajetória, seja como instrumento material e procedimento especial, seja como pretexto político e imaginário estruturador.
- Nessa perspectiva, a forma social de hipostasiamento da técnica nos últimos dois séculos - isto é, a sua sustentação material fragmentária, a sua conformação *environmental* e a sua visibilidade sígnica (no espaço urbano, nos *media*, nas ciências, no reduto doméstico, etc.) - não se entrega senão, em outros termos, como condensação e aparição objetual e em rede da própria violência, a maneira idiossincrática e obliterada com que esta (também) se põe no mundo.
- 27 Trata-se, no fundo - para dizê-lo em termos menos heterodoxos -, de uma face totalmente inaudita da "violência legítima" teorizada por Weber (1979), justamente em virtude deste agravante: com o *cyberspace*, a legitimidade da violência fica a cargo da própria tecnologia e no seio dela mesma, com o beneplácito *sous soumis*, involuntário (e, para todos os efeitos, não-existente), de todas as categorias sociocibertecnológicas (Trivinho, 1999, Parte I, Cap. V),

- consumidoras de produtos informáticos.
- 28 O que, com isso, se insinua e se firma é - nem se precisaria lembrar - um leque de fatores em cadeia, que hoje não se subtrai mais à vista de todos: um modelo norte-americano de tecnologia (*hardware, software, netware*) como prisma de visão de mundo; uma forma pragmática suspeita de flexibilização e facilitação da relação entre ente humano, máquina e rede, mediante a "popularização" da ciber-icnocracia hipertextual (Trivinho, 2001a, p. 175-185, 2001b, 2003), característica das chamadas "interfaces amigáveis"; um modo de *macia imposição* de novos jargões e jogos de linguagem [para evocar Wittgenstein (1979, p. 1-172)], mediante a criação e renovação da *terminologia pragmático-utilitária do campo cognitivo-informático*, o inglês permanecendo como equivalente lingüístico compulsório, válido totalitariamente para todas as culturas na nova economia político-simbólica unipolar e mundial, e assim por diante - em suma, um novo código tecnológico, a *sociossemiose interativa da cibercultura* (Trivinho, 2003).
- 29 De sua origem militar remota ao seu destino civil contemporâneo, o processo de invenção cultural da Internet e, mais tarde, da Web, é esculpido, inteiramente, pelas injunções de um mercado progressivamente globalizado, instância social transpolítica (e por isso mesmo) parcamente controlável que corrói, também paulatinamente, o imaginário institucional e a capacidade executiva dos Estados nacionais.
- 30 Não é à toa que, *nesse contexto*, a concordância com o argumento de Kroker e Weinstein (1994), segundo o qual o corpo morreu e isso é interessante, soa como forma adicional de violência. O endosso a tal juízo representaria, ademais, referendo a toda a lógica da nova violência da técnica em prol de um imaginário teórico de conjuntura.
- 31 A lei de segurança geral da cibercultura é contraditoriamente tendenciosa: perseguem-se os *crackers*, que devassam sistemas de informação de instituições estatais, megaempresas e organizações multilaterais e destroem dados de pessoas físicas, via rede ou fora dela, mas o curso majoritário dos acontecimentos, gestado no e pelo mercado e solenizado pela cumplicidade pré-política do mundo político e jurídico, legitima a investida contra o corpo e contra a alteridade concreta, quando (ou enquanto) o ato não se apresenta, culturalmente, como sabotagem. O imperativo do valor de troca sem medida, esse pelo qual, no caso, a cibercultura - como, de resto, a própria comunicação - se desenvolve e, desde sempre, se refaz e perdura, é blindado e exibido subliminarmente com credibilidade total, desconfiança zero, e isto mesmo ao arripio da lei, *vis-à-vis*, às custas de um referendo tácito, não-verbal, consuetudinário, à versão digital da violência simbólica.
- 32 Para empregar uma expressão de Virilio (1995, p. 11-17).
- 33 Essas observações oferecem uma imagem minimamente fidedigna da real dimensão do diâmetro do conceito de tecnofascismo puro, circunferência internacional na qual se joga a realidade por ele e a partir dele socialmente refratada.
- Embora o conceito de morte relacionado à configuração simbólica do novo *gulag* do corpo abranja indistintamente todos os usuários do *cyberspace*, esse fato é, com efeito, tanto mais válido para a totalidade dos corpos tecnologicamente desassistidos, *vítimas da indexação infotécnica do mercado de trabalho, do tempo livre e de lazer, enfim, da própria vida*, multidões das quais a época retira, inapelavelmente, a prerrogativa de acesso (seja por qual modalidade for, mormente aquela a partir do *domo*) aos *media* interativos e ao *cyberspace*, em função da precária distribuição social do *capital propriamente informático* (em sua dupla dimensão, econômica e cognitiva); e, como se não bastasse tal subtração de horizontes, essas massas seguem consideradas *dromoinaptas* (*dromos*: rapidez, agilidade), isto é - na linguagem do neopreconceito corrente -, "inábeis", socialmente, para dar conta da *res nuclear* do momento, a velocidade cibertecnológica.
- A geoimágética desse cenário - totalmente fora de controle - é límpida e, a um só tempo, de futuro nebuloso: se, para todo G-8 (sigla que, no jargão da política oficializada e do jornalismo, identifica o bloco dos países mais ricos do mundo), existe um continente africano e um hemisfério sul, para todo *cyberspace*, fundado no reino apriorístico da desigualdade social e da reciclagem tecnológica progressiva (a cada par de anos), existirão milhões de viventes "deslegitimados", desaculturados ou insuficientemente aculturados no conjunto de vetores e linguagens doravante articuladores dos rumos do mundo.
- 34 Uma sensibilidade moral prática, mesmo amputada de instrumentos metodológicos e conceituais definidos, pode, pois, entender, facilmente, a razão pela qual não se costumam tomar tais injunções como cartão postal da civilização mediática.
- 35 Evocando os termos da nota 33, tais observações testemunham, por seu turno, o nível de verticalidade da matéria.

Na verdade, foi o sistema mediático de massa do alvorecer da segunda metade do século XX, a saber, a Indústria Cultural, que, por um *cinismo impenetrável da técnica* – já gestado no período mediático anterior (capitaneado pelo rádio) e ao qual, com efeito, competiria (e somente a ele, cinismo), embora em vão, revelar o que para sempre reza nela (técnica) segredado –, reinventou (no sentido literal do verbo, com a liberdade integral aí implicada), em nome da democratização (às custas da monopolização) da informação e da imagem, aquilo que ameaçava todas as vísceras ocidentais.*

Na mesma direção em que a (outrora chamada) “ideologia burguesa” pôde desvencilhar-se da ordem do discurso e da significação (verbais ou não-verbais, dos quais permanecia cativa) em função de seu hipostasiamento técnico e conseqüente incorporação às estruturas tecnológicas de produção e reprodução do existente – de maneira que aos indivíduos não cabia mais se ater a nenhuma referência exógena, justamente porque, a partir de então, a encontravam no âmbito do si-próprio, em estrita comunhão com o *status quo* –,** o fascismo, doravante tecnofascismo puro, pode prescindir, inteiramente, da ordem do discurso e da significação porque já se encontra, plena e furtivamente, objetivado (não confundir com “objetalizado”), “proces-sualizado” na e pela rede, numa palavra, hipostasiado como dinâmica estrutural-mediática.

* Essa injunção historicamente surpreendente subordina-se à dialética do iluminismo, tal como dissecada, em meados da década de 40 passada, por Adorno e Horkheimer (1970, p. 15-59, 146-200).

** Esse sinistro “desaparecimento” por objetivação foi também, durante anos, objeto privilegiado de preocupação dos teóricos da Escola de Frankfurt. Veja-se, a respeito, Adorno e Horkheimer (1973), Marcuse (1967) e Habermas (1980).

36 Eis por que o tecnofascismo puro escapa à ordem do visível: ele se alimenta, tecnicamente, de sua mais-que-perfeição. Eis também por que ele, sob tais características, se subordina ao processo da guerra pura, na acepção de Virilio (1984b): guerra invisível, intangível, imaterial, planetária, dada no âmbito da informação e da pressão – no limite, desprovida de sangue.

37 Esse é, no fundo, o crime impune cometido pelo glocal, em sua modalidade mais avançada (Trivinho, 2001c, 2004).

38 Recobrando-se, a título de ênfase, a nota 30, Kroker e Weinstein, em *Data trash* (1994), apesar da tonalidade crí-

tica que marca a argumentação de alguns capítulos, fundamentada num anarconilismo político e cultural carreado para o universo do virtual, referendam, paradoxalmente, a *tendência retórica de saudação* ao advento social-histórico dessas duas modalidades “corpóreas”. Por dedução livre, contextualizada no presente ensaio, e por evocação à nota 7, chegar-se-ia, pois, obrigatoriamente, ao reconhecimento de que tais “corporalidades” sucederiam agora o corpo dividido da psicanálise lacaniana e o corpo barrado da cibercultura. Note-se, *en passant*, que a temática, por envolver centralmente o problema do espectro na fronteira mediática avançada, é alheia à do *cyborg* [seja o de tipo integral, seja o parcial (no qual a maioria dos entes estaria incluída)], embora com ela tenha, de fato, relações em vários aspectos, sobretudo nos de fundo. A inclusão, teoricamente precisa, do *cyborg* entre os corpos mencionados pressuporia, no entanto, vertente epistemológica diversa da contemplada até agora – objetivo, a rigor, transcendente aos marcos do presente ensaio. Dado, no entanto, que a temática do *cyborg*, como, de resto, a da ciborgização da cultura, tal como tratadas na literatura ensaística especializada no Brasil e no exterior, envolvem um *imaginário de celebração da tecnociência e da high tech* que comunga, em fôlego único, com a depreciação da corporeidade herdada – tendência que, como utopia, pulsa em direção à emancipação da materialidade da existência –, pode-se bem ver, *grosso modo*, o quanto a matéria consta indiretamente pressuposta no arco da reflexão aqui feita.

39 Antes, nos *media* de massa, a morte, como espectro insuflado pelo mercado, espreitava e desejava seus consumidores (telespectadores). Doravante, na cibercultura, ela interage, além disso, com boa parte deles (agora usuários).

40 Replicando-se a nota anterior, na medida em que a aparência predominante da alteridade é a indicada, a cultura mediática implica, compulsoriamente, sociabilidade com mortos vivos, na acepção específica de expressões sígnicas de um trabalho que, no âmbito das tecnologias do virtual, é “vivo” até mesmo em suas respostas circunstanciadas, sob o princípio (rudimentar ou sofisticado) da inteligência artificial. No universo da cibercultura, essa é, por exemplo, a condição radical e insolúvel dos *chats* e dos ambientes à base de realidade virtual.

41 Em última instância, o espectro é um conjunto de ondas sonoras, um mosaico de luminóforos, uma porção de letras reunidas etc. – ou seja, construto evanescente, um nada, no final das contas.

42 "O grande sim é o sim à morte. É possível proferi-lo de várias maneiras..." , insinuou, não sem ironia, Cioran (s/d, p. 172). Se a aceitação do processo de (auto)conversão em espectro é condição *sine qua non* para a intervenção (seja ela qual for), via interface, na visibilidade mediática, é necessário aceitar, portanto, a premissa prévia - na verdade, a regra do jogo -, também *sine qua non*, da glosa do *corpo próprio como acontecimento-alteridade para outrem*.

43 Que a imagem seja forte - e, por isso, chegue mesmo a chocar - não revela senão que o problema é menos da representação teórica e conceitual do que do estado da arte objetivo da existência na cibercultura, estado a cujo chamado à intimidade e ao testemunho a representação não pode fugir. No mais, esta resulta do tenso acompanhamento do cenário social a que conduz a própria violência transpolítica da técnica avançada.

44 Se bem que, sob outro ângulo, o corpo e a alteridade, na civilização mediática, figuram também como sobras.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética del iluminismo*. Buenos Aires: SUR, 1970.

_____. *Temas básicos de Sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.

BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992.

BAUDRILLARD, Jean. *Para uma crítica da economia política do signo*. São Paulo: Martins Fontes, s/d.

_____. *L'échange symbolique et la mort*. Paris: Gallimard, 1976.

_____. *Simulacres et simulations*. Paris: Galilée, 1981.

_____. *Les stratégies fatales*. Paris: B. Grasset, 1983.

_____. *L'autre par lui même*. Paris: Galilée, 1987a.

_____. Au-delà du vrai et du faux, ou le malin gene de l'image. *Cahiers internationaux de Sociologie*, v. 82, p. 139-145, 1987b.

_____. *A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos*. São Paulo: Papirus, 1990.

_____. *O crime perfeito*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

CIORAN, Emile. *Breviário de decomposição*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. *A tentação de existir*. Lisboa: Relógio D'Água, s/d.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, v. 5, 1997.

GIBSON, William. *Neuromancien*. Paris: La Découverte, 1985.

GUILLAUME, Marc. Téléspectres. *Traverses*, n. 26, p. 18-28, Oct. 1982.

_____. *La contagion des passions: essai sur l'exotisme intérieur*. Paris: Plon, 1989.

GUILLAUME, Marc; BAUDRILLARD, Jean. *Figures de l'altérité*. Paris: Descartes, 1992. (Collection Essais).

HABERMAS, Jürgen. Ciência e técnica enquanto "ideologia". In: BENJAMIN, Walter et alii. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 313-343.

_____. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HAUG, Wolfgang F. *Crítica da estética da mercadoria*. São Paulo: Unesp, 1997.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

_____. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002a. (Col. Pensamento Humano)

_____. *Ser e tempo*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, Parte I, 2002b. (Col. Pensamento Humano).

KROKER, Arthur; COOK, David. *The postmodern scene: excremental culture and hyper-aesthetics*. Houndmills: Macmillan, 1988.

KROKER, Arthur; WEINSTEIN, Michael A. *Data trash: the theory of the virtual class*. New York: St. Martin's Press, 1994.

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: --- et alii. *O sujeito, o corpo e a letra: ensaios de escrita psicanalítica*.

- lítica. Lisboa: Arcádia, 1977. p. 19-28.
- LÉVY, Pierre. *La machine Univers: création, cognition et culture informatique*. Paris: La Découverte, 1987.
- _____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. *L'intelligence collective: pour une anthropologie du cyberspace*. Paris: La Découverte, 1994.
- _____. *O que é o virtual?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- _____. *Cyberculture*. Paris: Odile Jacob, 1997.
- _____. "A revolução contemporânea em matéria de comunicação". In: MACHADO DA SILVA, Juremir; MENEZES MARTINS, Francisco (Org.). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina; EDIPUCRS, 1999.
- MARCUSE, Herbert. *Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: — — —. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU; EDUSP, v. II, 1974. p. 39-184.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Império*. 3. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.
- RIESMAN, David. *A multidão solitária: um estudo da mudança do caráter americano*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- TRIVINHO, Eugênio. *Cyberspace: crítica da nova comunicação*. São Paulo: Biblioteca da ECA/USP, 1999. 466 p.
- _____. "Cibercultura, iconocracia e hipertexto: autolegitimação social na era da transpólitica e dos signos vazios". *Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura* - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, São Paulo, EDUC, n. 1, p. 111-125, 2001a.
- _____. *O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001b.
- _____. "Glocal: para a renovação da crítica da civilização mediática". In: FRAGOSO, Suely; FRAGA DA SILVA, Dinorá (Org.). *Comunicação na cibercultura*. São Leopoldo: Unisinos, 2001c. p. 61-104.
- _____. "Velocidade e violência: dromocracia como regime transpólitico da cibercultura". In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *A incompreensão das diferenças: 11 de setembro em Nova York*. Brasília: IESB, 2002. p. 257-272. (Série Comunicação).
- _____. "Cibercultura, sociossemiose e morte: sobrevivência em tempos de terror dromocrático". *Fronteiras: estudos midiáticos-Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos/RS, São Leopoldo, vol. V, n. 2, p. 97-124, dez. 2003*.
- _____. Comunicação, glocal e cibercultura: "bunkerização" da existência no imaginário mediático contemporâneo. São Paulo: 2004. 26 p. Cópia reprográfica e digital. [Texto a ser apresentado no XIII Encontro da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (GT "Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade"), a ser realizado no período de 21 a 24/06/2004, na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo/SP. A ser publicado em breve.]
- TURKLE, Sherry. *O segundo eu: os comportamentos e a experiência humana*. Lisboa: Presença, 1989.
- VIRILIO, Paul. *Esthétique de la disparition*. Paris: Balland; Galilée, 1980.
- _____. *L'espace critique*. Paris: Christian Bourgois, 1984a.
- _____. *Guerra pura: a militarização do cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1984b.
- _____. *La máquina de visión*. Madrid: Cátedra, 1989.
- _____. *A inércia polar*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- _____. *La vitesse de libération*. Paris: Galilée, 1995.
- _____. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996a.
- _____. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b.
- _____. *Cibermundo: ¿una política suicida? - Conversación con Philippe Petit*. Santiago: Dolmen, 1997.

_____. "Vitesse et information: alerte dans le cyberspace!". *Le Monde Diplomatique*, août 1995. Versão em inglês, *Speed and information: cyberspace alarm!*, disponível em: www.ctheory.com/a30-cyberspace_alarm.html. Acesso em: 05 mar. 1998.

_____. *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel (Org.). *Max Weber. Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1979. p. 128-141.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 1-172. (Col. Os pensadores).